

## SENSIBILIDADE E BOM SENSO

JANE AUSTEN

SENSIBILIDADE  
E BOM SENSO

Tradução de  
MÁRIO DIAS CORREIA



BERTRAND EDITORA  
Lisboa 2017

## 1.

Havia muito que os Dashwood estavam radicados no Sussex, onde possuíam uma vasta propriedade. A residência familiar, Norland Park, situava-se no meio desta propriedade, e era lá que viviam desde há muitas gerações, de uma maneira de tal forma respeitável que lhes granjeara a simpatia e o respeito de quantos naquelas redondezas os conheciam. O último proprietário daquelas terras fora um homem solteiro que vivera até uma idade muito avançada e que, durante muitos anos, tivera na irmã uma companhia constante e uma governanta dedicada. Mas a morte desta irmã, que ocorrera dez anos antes da dele próprio, viera trazer grandes e inevitáveis alterações à sua vida; tendo em mente compensar esta perda, convidara e recebera em sua casa a família do sobrinho, o senhor Henry Dashwood, legítimo herdeiro da propriedade e a pessoa a quem, na realidade, tencionava legá-la. E assim o velho senhor passou confortavelmente os seus dias, na companhia do sobrinho, da sobrinha e das três filhas do casal. O seu afeto por todos eles crescia de dia para dia. A atenção constante que o senhor e a senhora Henry Dashwood prestavam a todos os seus desejos, e isto não por mero

interesse mas devido à bondade dos seus corações, garantia-lhe todos os confortos que a sua idade avançada exigia; e a presença risonha das crianças punha na sua vida uma nota de alegria.

O senhor Henry Dashwood tinha um filho de um casamento anterior, e, da sua atual esposa, três filhas. O filho, um jovem sério e respeitável, ficara com todas as suas possíveis necessidades materiais amplamente acauteladas graças à considerável herança da mãe, da qual recebera metade ao atingir a maioridade. O seu próprio casamento, que ocorrera pouco tempo depois, viera, por outro lado, aumentar-lhe ainda mais a fortuna. A herança de Norland Park não era, pois, tão importante para ele como para as irmãs, cuja fortuna, independentemente do que pudesse vir a caber-lhes pelo facto de o pai herdar a propriedade, era forçosamente pequena. A mãe não tinha nada, e o pai apenas sete mil libras de que pudesse dispor, uma vez que a metade restante da herança da primeira esposa pertencia igualmente ao filho, cabendo-lhe a ele o usufruto vitalício.

O velho senhor morreu; leu-se o testamento, que, como quase sempre acontece com os testamentos, foi causa de tantos desapontamentos como alegrias. Não era injusto, nem ingrato, ao ponto de privar o sobrinho da herança da propriedade, mas deixava-lha em condições tais que destruíam metade do valor do legado. O senhor Dashwood desejara aquela herança mais por causa da esposa e das filhas do que por si próprio e pelo filho; os verdadeiros herdeiros eram, no entanto, esse mesmo filho e o seu neto, uma criança de quatro anos, ficando ele como fiel depositário sob circunstâncias que o impossibilitavam

de garantir o futuro daqueles que lhe eram mais queridos, e que mais necessitavam de ajuda, quer obtendo empréstimos sobre a propriedade, quer vendendo as suas valiosas madeiras. Casa e terras ficavam reservadas para benefício daquela criança que, no decurso de ocasionais visitas a Norland na companhia do pai e da mãe, ganhara de tal modo o afeto do tio – graças a encantos tão normais numa criança de dois ou três anos como o são uma maneira de falar infantil, uma insistência imperiosa em impor a sua vontade, mil gracinhas e muito barulho – que o levara a esquecer as atenções que, durante tantos anos, recebera da sobrinha e das respectivas filhas. Não quisera, no entanto, deixar de ser generoso, o velho senhor, e como prova do seu afeto pelas três raparigas, legava a cada uma a soma de mil libras.

O desapontamento do senhor Dashwood foi, de início, muito grande. Era, no entanto, um homem de temperamento alegre e sanguíneo, podia razoavelmente esperar viver ainda muitos anos e, fazendo uma vida regrada, pôr de parte uma boa maquia, graças à produção de uma propriedade que, sendo já grande, era ainda suscetível de melhoramentos quase imediatos. Mas a fortuna, que tanto tardara a chegar, só a gozaria durante um ano, que foi o tempo que sobreviveu ao tio; dez mil libras, incluindo os últimos legados, foi tudo o que pôde deixar à mulher e às filhas.

O filho foi chamado mal o perigo se tornou patente, e o senhor Dashwood recomendou-lhe, com todo o empenho e urgência que uma grave doença pode suscitar, os interesses da madrasta e das irmãs.

O senhor John Dashwood não tinha a mesma força de sentimentos do resto da família; mas sentiu-se afetado por uma recomendação daquela natureza feita em semelhantes condições, pelo que prometeu fazer tudo o que estivesse ao seu alcance para tornar-lhes a vida mais confortável. O pai ficou tranquilizado por esta garantia, e o senhor John Dashwood teve depois tempo para considerar quanto poderia, prudentemente, fazer por elas.

Não tinha mau fundo, este jovem, a menos que se considere que ter um coração frio, e ser consideravelmente egoísta, seja ter mau fundo: mas era, de um modo geral, uma pessoa respeitada, pois conduzia-se com decência no cumprimento dos seus deveres normais. Tivesse ele casado com uma mulher mais amável e talvez fosse ainda mais respeitado do que já era; talvez se tivesse até tornado amável ele próprio; porque casara muito jovem, e era muito amigo da mulher. Mas a senhora John Dashwood era como uma forte caricatura do marido, ainda mais mesquinha e egoísta.

Ao fazer a sua promessa ao pai, pensara de si para si aumentar as fortunas das irmãs fazendo a cada uma delas um donativo de mil libras. E julgava-se sinceramente capaz de um tal gesto. A perspectiva de uma renda de quatro mil libras anuais, além dos seus atuais rendimentos e da metade restante da fortuna da mãe, aquecia-lhe o coração e fazia-o sentir-se propenso à generosidade. Sim, dar-lhes-ia três mil libras: seria um gesto liberal e bonito! Seria o suficiente para deixá-las completamente à vontade. Três mil libras! Uma soma considerável que poderia dispensar sem inconveniência de maior. Pensou nisto o dia todo,

e durante vários dos dias que se seguiram, sem nunca se arrepender.

Mal terminou o funeral do sogro, a senhora John Dashwood, sem ter mandado à madrasta qualquer notícia das suas intenções, apresentou-se em Norland Park com o filho e os criados. Ninguém podia discutir o seu direito a ali estar: a casa pertencia ao marido a partir do momento em que o pai morrera. Mas a indelicadeza deste comportamento era, sem dúvida, grande, e para uma pessoa na situação da senhora Dashwood, tivesse ela apenas sentimentos comuns, seria sempre altamente desagradável; no espírito *desta* senhora havia, no entanto, um sentido da honra tão apurado, uma generosidade tão romântica, que qualquer ofensa daquele género, fosse quem fosse que a fizesse ou recebesse, era para ela uma fonte de invencível desgosto. A senhora John Dashwood nunca fora particularmente querida da família do marido, mas nunca até então tivera oportunidade de mostrar-lhes com que escassa consideração pelos sentimentos dos outros era capaz de agir quando a ocasião o exigia.

A senhora Dashwood sentiu tão fortemente este comportamento descortês da nora, e foi tão grande o desprezo que esta última lhe mereceu, que teria abandonado de imediato aquela casa não fora a intervenção da filha mais velha, que a induziu a refletir na conveniência de tal gesto; isso, e o amor que tinha pelas três filhas, persuadiram-na a ficar e, por elas, evitar um rompimento com o enteado.

Elinor, a filha mais velha cujo conselho se revelara tão eficaz, possuía uma força de compreensão e uma frieza de julgamento que a qualificavam, apesar de ter apenas

dezanove anos, para ser conselheira da mãe, e muitas vezes lhe permitiam contrariar, com vantagem para todas elas, a impulsividade de espírito da senhora Dashwood, uma impulsividade que a maioria das vezes a incitava à imprudência. Tinha um excelente coração, era por disposição afetuosa e os seus sentimentos eram fortes, mas sabia governá-los; uma capacidade que a mãe ainda não adquirira, e que uma das suas irmãs decidira nunca aprender.

As aptidões de Marianne eram, em muitos aspectos, iguais às de Elinor. Era ajuizada e inteligente, mas excessiva em todas as coisas; os seus desgostos, as suas alegrias, não tinham moderação. Era generosa, amável, interessante: era tudo menos prudente. A semelhança entre ela e a mãe era na realidade muito grande.

Elinor observava com preocupação os excessos de sensibilidade da irmã, excessos que a senhora Dashwood, pelo contrário, valorizava e estimava ao mais alto grau. As duas, mãe e filha, encorajavam-se uma à outra na violência da sua aflição. A agonia do desgosto que as dominara no primeiro instante era voluntariamente renovada, procurada, recriada uma e outra vez. Entregavam-se por completo à sua dor, procurando aumentar a infelicidade que sentiam através de todas as reflexões que o facilitassem, firmemente decididas a não aceitar nunca qualquer espécie de consolação. Também Elinor estava muito preocupada; mas nem por isso desistia de lutar, de fazer qualquer coisa. Foi capaz de falar com o irmão e de receber a cunhada, tratando-a com as devidas atenções. E foi capaz de incitar a mãe a reagir da mesma maneira, de encorajá-la a ter a mesma paciência.



Margaret, a outra irmã, era uma jovem simpática e bem-disposta; mas, estando já em grande parte imbuída do romantismo de Marianne e não sendo tão ajuizada, não parecia, aos treze anos de idade, poder vir a comparar-se com as irmãs num período mais adiantado da vida.